

O AMOR NA ARTE, A INVENÇÃO NO AMOR.

Marcelo Barros – Paula Kalfus

Ana S. Bianco – Sabrina Bustos – Giselle Canteros – Evangelina Fuentes – Clarisa Kicillof – Laura Korovsky - Mariana Li Fraini – Marcela Negro – Enrique Prego – Julio Riveros – Gabriela Salomon - Marisol Santos - Esteban Stringa

O ponto de partida da nossa pesquisa tem sido a exposição performativa *Cuide de você*, da artista francesa Sophie Calle, estreada na Bienal de Veneza, em 2007. A obra é concebida como resposta ao e-mail de um amante, cujo texto marca uma ruptura amorosa através de um derradeiro “cuide de você”. Seguindo uma época que torna pública a intimidade, a resposta da artista é uma invenção, com a qual ela sai da perplexidade diante do desamor, recorrendo à interpretação de 107 mulheres, sobre tal carta, que a entendem e falam em seu lugar. O mal-estar pela perda de lugar no desejo do Outro é transformado pelo gesto da artista como sua própria maneira de romper, no seu tempo e ao seu cuidado. Tomamos esta obra como expoente do desencontro amoroso entre os sexos, como um traço de época nas relações heterossexuais. Por estrutura, existem apenas encontros amorosos contingentes e sintomáticos. O desacordo entre o amante e o amado é um "destino fatal", termo este - *destino* - que a sociedade liberal não pode tolerar. Se todas as épocas dão testemunho desta fatalidade, nossa época assiste a uma radicalização do desencontro, exatamente em virtude desta intolerância, razão pela qual mostra a crescente dificuldade de enfrentar o impasse da diferença sexual e um declínio da coragem perante ele. Coragem que, segundo Lacan, define o amor. A diferença sexual é reprimida, hoje, sob a hegemonia do conceito de gênero, o significante-mestre do capitalismo. Ao longo de todo o seu ensino, Freud apresentou a degradação da vida erótica como signo da modernidade, e Lacan postulou em *O saber do psicanalista* a rejeição das coisas do amor como algo inerente ao discurso capitalista, em virtude de sua *Verwerfung* da castração. O amor se articula como suplência com a escrita impossível da relação sexual. Estar sujeito ao discurso capitalista não implica em aderir à sua ideologia, já que se está atravessado por ele mesmo, ainda que se sustente uma posição crítica. Se Lacan anunciou a guerra dos

sexos como traço da modernidade nos *Escritos*, o desencontro amoroso, hoje, deu lugar, segundo J.-A. Miller, à "guerra aberta" e a um "desejo mútuo de segregação".

A música popular testemunha isso em letras como *La bifurcada* (Menphis la Blusera, 1986). Sempre se cantou as dores do amor, mas a novidade está na referência ao conflito machismo-feminismo, como razão da ruptura, e no fato de que a mulher abandone o homem por outra mulher. Nas letras de *trap* e *rap* que se difundem pela América Latina, bem como no discurso popular dos *youtubers*, feito por jovens e dirigidos a pré-púberes e púberes, o ideal do amor romântico é ironicamente desmantelado, degradado à dimensão de simulacro e se assume a posição de decepção. Ainda que esse cinismo estivesse mais a serviço de evitar a castração que de assumi-la.

Lacan nos lembra de que as hostilidades do casamento são tão antigas quanto o próprio casamento. A arte de todos os tempos falou de suas desventuras. Mas atualmente esses infortúnios se representam, sobretudo, no cinema, sob um roteiro reiterado com sistematização pedagógica. O filme *Marriage Story* (Baumbach, 2019) resume a versão mais consumida do desencontro, centrada na vertente imaginária do ódio e da competência fálica entre os sexos. A emancipação da mulher é o eixo da história. Ela só pode crescer *contra* o parceiro masculino, para alcançar o triunfo final coroado pelo empoderamento. Outro modo de desencontro amoroso contemporâneo é a solidão do gozo autista, favorecido por *gadgets* cada vez mais sofisticados. Em *Shame* (McQueen, 2011), o protagonista masculino se satisfaz com a pornografia e com a série metonímica de relações anônimas. A extensão da posição masturbatória já é em si mesma um sinal do declínio do viril, que é outro modo de degradação da vida erótica.

Em filmes como *Revolutionary Road* (Mendes, 2008) e *Blue Valentine* (Cianfrance, 2010), os homens tentam sustentar o casal a qualquer preço, em um empuxo de fazer existir a relação sexual, desconhecendo sua falha. O declínio do viril é visto em ambos, por iniciativa das mulheres, no momento da ruptura, ou na mudança da relação. Nestes filmes, assistimos o aniquilamento da alteridade da mulher e a extinção do viril, que é solidária da inexistência da função do Nome-do-Pai. Ela permitia ficcionar como proibição a impossibilidade que habita o vínculo, articulando um possível gozo à castração. Atualmente, trata-se de tapar esse impossível, oferecendo um consumo que satisfaça a pulsão, sem passar pelo Outro, cumprindo o imperativo superegótico de evitar a castração e o amor.

O romance também frequenta o desencontro amoroso e a crise do viril, sobretudo, na obra de Michel Houellebecq que esboça o carácter erótico do século XXI, marcado pelo desespero. Tomemos também o romance *La uruguaya*, (Pedro Mairal, 2016) que descreve não só a impotência do homem para exercer seu papel de “macho provedor”, mas também a saída que a mulher encontra, diante de sua frustração, pela via do amor homossexual. Se *La mitad fantasma* (Alan Pauls, 2021) narra, por outro lado, o desencontro como algo inerente ao próprio amor, a impotência masculina se apresenta nas respostas fantasmáticas do protagonista para encontrar uma medida que não se encaixa e que se choca diante da castração. Seguindo a correlação entre o declínio do pai e do viril, encontramos na peça de teatro *Alfa* (Kamien, 2020) sua encenação. A obra expõe como a separação entre a reprodução e o encontro sexual faz com que as tecnologias reprodutivas sigam a lógica do mercado. Como Lacan irá antecipá-lo em *Las psicosis*, as mulheres engendram sozinhas, com o recurso tangencial ao sêmen, destino residual de uma virilidade derrotada. O homem congelado é o parceiro da mulher fria. A obra mostra um laboratório gerenciado por mulheres que procuram encontrar o "macho alfa", o doador perfeito, mas não o fazem em prol de um fim amoroso, mas sim lucrativo. Mostra o homem moderno reduzido ao sêmen e a abolição da função de ser pai. A relação que existe não é sexual, mas comercial, o que mostra a primazia que a demanda tem sobre o desejo em nosso tempo.

A arte cumpre um papel essencial na desconstrução do ideal do "amor romântico" e dos estereótipos do feminino e do masculino. Isso nos levou a considerar a arte direcionada para a infância. O cinema de difusão em massa para crianças, como o da Disney, deu à mulher um papel de liderança, privilegiando a autonomia e a prescindência do amor aos homens. Prevaecem os laços ternos que subtraem o corpo e a diferença sexual. Em filmes como *Mulan* (2020), *Brave* (2012) e *Frozen* (2013), as heroínas enfatizam a identificação viril, ainda que sem se igualarem ao homem, na medida em que têm um olhar amoroso sobre aquilo de que se ocupam. Paralelamente, a literatura infantil mostra relatos que visam desconstruir os papéis tradicionais da mulher e do homem. Isso se verifica na intervenção de contos clássicos como *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *Cinderela* ou *A Bela Adormecida*, apresentados em versão feminista. As protagonistas se apresentam ungidas pelo poder e os personagens masculinos se apresentam desvirilizados ou demonizados. O interesse das heroínas não se orienta pelo

laço heterossexual, pelo cônjuge ou pela maternidade, mas pelo saber e poder. Outros novos relatos questionam fortemente o estereótipo da princesa, da beleza como valor e do desejo do príncipe. Prioriza-se a sororidade ou o laço não binário. A vinculação amorosa se resolve em uma homossexualidade sublimada que se apresenta como uma irmandade ideal. O amor heterossexual é sinônimo de dependência e submetimento. Nomes e ilustrações velam a diferença sexual e se enfatiza o uso da linguagem inclusiva. A cultura do cancelamento joga sua carta vigilante ao censurar, por exemplo, o beijo não consensual do príncipe na Branca de Neve. Por outro lado, a série *Anne With an E* (2017) baseada na obra literária de Lucy Montgomery, teve um êxito retumbante, ao retomar uma voz feminina de outra época. Nesta série, encontramos algumas semelhanças com o resto das obras literárias para crianças e adolescentes que investigamos. Porém, ela dá origem ao amor de casal, entre uma mulher e um homem. Um artigo do NYT lança a idéia de que o recurso a uma figura do passado revela, exatamente, o que nossa época estaria deixando para trás. A versão idealizada do romance entre homem e mulher é justamente o contrário da fragmentação das formas de amor que favorecem os poderes contemporâneos, que destituem a diferença sexual, a tal ponto que poderíamos afirmar com Di Ciaccia, que: na atualidade “há tantas formas sexuais como corpos falantes”. Dado que "fazer amor é poesia", passamos do amor na arte ao que existe da arte, ou seja, de invenção, no amor. Lacan nos conduz ao final de seu último ensino à noção de *invenção*, como um ato de criação frente ao real, e que constitui o nó de seu seminário *El sinthome*. Tanto o encontro quanto o desencontro amoroso tornam verdadeiro o axioma "não há relação sexual". Nesse furo, em que segundo Lacan, todos inventamos um truco, o desencontro deixa em suspenso a invenção que se supõe em cada amor, e que evoca sua relação com a sublimação. Embora cada invenção frente ao *impasse* da não relação seja singular, não estamos impedidos de interrogar as invenções próprias de uma época, como era o amor cortês na Idade Média. Por isso, propusemos a hipótese de uma mudança no estatuto social da homossexualidade, agora pensada como uma "conversão" alternativa, ante o reiterado fracasso na relação heterossexual. A questão permanece em aberto, se esta solução, tal como outras, é sempre uma invenção diante do impossível ou, às vezes, mais um avatar de seu desconhecimento. Algumas "novas formas" de amor pretendem emergir no compasso do declínio da instância paterna. Extraímos como referência um artigo de

Gerardo Battista que propõe uma espécie de retorno do amor cortês em certas práticas da adolescência, o enamoramento virtual que exaltaria o amor nos tempos do gozo. Neste caso, estamos falando de uma invenção rígida que tramita o desencontro estrutural sob certa versão do amor cortês em que a tela torna impossível o encontro dos corpos, ao mesmo tempo em que fomentaria o valor da palavra de amor. Trata-se de uma mutação do laço amoroso a partir de uma estratégia que subtrai o corpo da cena? O que essa versão atual do amor cortês vela é a presença da dama como objeto proibido, mediado aqui pelo *gadget* virtual, tornando o sujeito um companheiro ideal sem corpo. Isso favorece certa regulação do gozo, ao desviá-lo do destino autista, promovido pelo imperativo do mercado. Uma variante surrealista das potencialidades da realidade virtual pode ser encontrada em "Striking Vipers", um capítulo da série *Black Mirror* (2019), onde o desejo claudicante do homem por sua mulher se recicla em uma relação homossexual, realizada no espaço virtual de um videogame.

Por outro lado, encontramos outro tipo de experiência que pretende denunciar o narcisismo cínico de nossa época, mas que, por fim, acompanha a rejeição do inconsciente e da diferença sexual. É a proposta da ativista sueca Andie Nordgren e seu manifesto sobre a "anarquia relacional" (2006), que iria para além das hierarquias instituídas, para propor uma invenção que não necessariamente exclui o compromisso amoroso. Inspirada por uma interpretação um tanto banal da tradição anarquista, se apresenta como uma alternativa que objeta toda autoridade para promover cada relação como única e independente. Mas isso é postulado de modo voluntarista, em uma versão libertária sem se ancorar na condição sexuada do ser falante, acreditando que a única determinação que nos limita é de carácter social. Esses exemplos dão conta da diversidade e da fragmentação de um tempo em que tenta se erguer novas invenções, ainda que seu estatuto não deixe de ser incerto.

Ocupados com a questão da invenção no amor, não pudemos eludir o recurso ao gênero fantástico, sobretudo o onírico, tendo em vista que, segundo Borges, o sonho é a atividade estética mais antiga da humanidade. O filme *On body and soul*, de Ildikó Enyedi (2017) se passa em um matadouro modernizado, uma metáfora do paradigma capitalista tardio que se impõe nos países que integraram a órbita soviética. A fábrica contrata uma inspetora de qualidade cujo caráter rejeita o laço com os outros e exalta a eficácia profissional. Ela não sabe como fazer com os homens. É uma "histórica rígida",

enquanto o protagonista masculino é um obsessivo de rituais inabaláveis. Ambos mantêm à distância a alteridade do feminino. Mas nosso interesse não reside nesses perfis, mas no fato perturbador de que as duas pessoas sonham exatamente com a mesma cena onírica: o encontro entre dois cervos em uma floresta congelada. Eles se encontram na Outra cena, sonhando cada um para seu lado. A invenção onírica daria conta da relação que não existe ou seria uma convergência mediada pela diferença? Quando, por fim, acontece o único encontro sexual do filme, no dia seguinte, nenhum dos dois se lembra do que sonharam naquela noite. É depois da intervenção dos corpos que se interrompe, não o sonhar, mas sim o encontro onírico entre os cervos. Talvez essa comunhão tenha alguma relação com essa zona para além do sujeito, que a mística de todos os tempos tem explorado. Esse espaço contrasta com o outro, o da cama, onde o falo e a castração fazem com que os parceiros se revelem como sexuados e, como tal, exilados. No entanto, por mais contrários que sejamos à comunicação, o exílio não deixa uma categoria relacional.

Traducción de: Ana Paula Britto.

Bibliografía:

Freud, S., *Obras Completas*, Biblioteca Nueva, Madrid, 1973

-La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna

-Sobre la degradación general de la vida erótica

-El porvenir de una ilusión

-El malestar en la cultura

Lacan, J., “La agresividad en psicoanálisis”, en *Escritos I*, Siglo Veintiuno, Buenos Aires, 2008

Lacan, J., *El Seminario*, libro 2, El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica, Paidós, Buenos Aires, 1984

Lacan, J., *El Seminario*, libro 3, Las psicosis, Paidós, Buenos Aires, 1986

Lacan, J., *El Seminario*, libro 4, La relación de objeto, Paidós, Buenos Aires, 1998

Lacan, J., *El Seminario*, libro 7, La ética del psicoanálisis, Paidós, Buenos Aires, 1995

Lacan, J., *El Seminario*, libro 13, El saber del psicoanalista, inédito

- Lacan, J., *El Seminario*, libro 20, Aún, Paidós, Buenos Aires, 1981
- Lacan, J., *El Seminario*, libro 23, El sinthome, Paidós, Buenos Aires, 2006
- Miller, J.-A., *Lógicas de la vida amorosa*, Manantial, Buenos Aires, 1991
- Miller, J.-A., “Dócil a lo trans”, *Lacan cotidiano*, N° 928
- Miller, J.-A., Entrevista con Éric Mary sobre “El sexo de los modernos”, *Lacan Cotidiano*, N° 927
- Miller, J.-A., “Buenos días sabiduría”, *Colofón* N°14
- Sobre la cultura de la cancelación:
<https://www.lanacion.com.ar/espectaculos/polemica-en-disney-quieren-cambiar-el-final-de-blancanieves-por-falta-de-consentimiento-nid06052021/>
- Han, B.-C., *La agonía de Eros*, Barcelona, Herder, 2014, p. 25.
- Battista, G., “De los trovadores a los eternautas”, *Un amor en las redes sociales*. AMP blog. 2016
- Nordgren, A., “Breve manifiesto instructivo para el anarquismo relacional”, Madrid, Biblioteca Anarquista, 2006.
- .